

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS – IFCH

Angélica Schmitt da Silva

O PESSIMISMO DE SCHOPENHAUER NA LITERATURA
DE MACHADO DE ASSIS

Passo Fundo

2020

Angélica Schmitt da Silva

O PESSIMISMO DE SCHOPENHAUER NA LITERATURA
DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Filosofia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Luís Francisco Fianco Dias.

Passo Fundo

2020

Angélica Schmitt da Silva

O pessimismo de Schopenhauer na literatura de Machado de Assis

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Filosofia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Luís Francisco Fianco Dias.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Prof.

Gostaria de agradecer aos professores e colegas do curso de Filosofia, por todo apoio, aprendizado, formação e desafios propostos ao longo desses 4 anos e meio. Agradeço, em especial, ao meu querido orientador, Prof. Luís Francisco Fianco, pela amizade, ensinamentos, momentos de orientação e também de descontração. Quero agradecer aos meus pais e minha irmã, por todo incentivo e apoio de sempre. Agradeço em especial a minha querida amiga Camila Belini, um presente do curso de Filosofia, com quem pude compartilhar alegrias, frustrações, angústias, inseguranças e muitos momentos de discussões sobre filosofia. E que sigamos assim! Também agradeço a minha amiga Talia Eckert pela amizade tranquila e acolhedora, e ao Everton Pagnussatt, que desde o ensino médio, demonstrou-se um amigo leal, e sempre presente em minha vida. Agradeço ao Maitan, pelo companheirismo, pela leitura cuidadosa dos meus escritos e por todas as discussões filosóficas que contribuiu na construção deste trabalho. Por fim, agradeço ao Zenão, o cão mais cínico que conheço e que esteve, literalmente, do meu lado em cada fase desse processo de pesquisa e escrita.

RESUMO

Este trabalho objetiva demonstrar que é possível pensar problemas filosóficos através de escritos literários. E que é um exercício de estudo importante a se fazer em tempos que se valoriza um olhar mais interdisciplinar diante das diversas possibilidades de obter conhecimento. E é com a pretensão de trabalhar duas áreas do conhecimento que surge a proposta deste trabalho. É perceptível que a filosofia e a literatura têm muitas coisas em comum, em ambas encontra-se escritos que nos provocam a pensar diversos temas sob diferentes perspectivas. Este é um trabalho que visa pensar a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis sob o olhar da teoria schopenhauriana presente, principalmente, na obra *O mundo como vontade e representação*. Com base nisso, permitimos nos questionar: Como se apresentam os aspectos pessimistas na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e quais são suas semelhanças ao pessimismo schopenhauriano? Como se estabelece a teoria pessimista de Schopenhauer? Qual a importância do Realismo no Brasil para a criação da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*? Através de uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, este estudo, buscou fazer um diálogo a fim de traçar as proximidades de pensamento entre as obras no âmbito da teoria da vontade, do pessimismo e da morte, conceitos já presentes na teoria de Schopenhauer, mas que também se manifesta no romance machadiano. Quanto aos procedimentos, foram analisadas as obras dos dois principais autores, assim como seus comentadores. Foram analisadas as obras dos dois principais autores, assim como seus comentadores e, a partir disso, realizou-se uma interpretação cuidadosa dos conceitos para que houvesse uma solução satisfatória para o problema de pesquisa.

Palavras-chave: Arthur Schopenhauer; Machado de Assis; Pessimismo; Realismo; Vontade; Morte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O PESSIMISMO DE SCHOPENHAUER	9
2.1 O conceito de vontade à luz do problema da morte	10
2.2 Uma visão pessimista da existência	13
3 O REALISMO E A SUPERAÇÃO DO ROMANTISMO	15
3.1 Quem foi Machado de Assis para a literatura brasileira?	18
4 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ANÁLISE DO LIVRO	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de cunho monográfico parte da curiosidade de fazer um estudo em que a filosofia e a literatura estejam a dialogar. O problema desta pesquisa se volta à questão do pessimismo nos textos literários, especificamente na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de um dos grandes nomes da literatura clássica brasileira, Machado de Assis (1839-1908). A base filosófica se dará com a obra *O Mundo como vontade e representação* (1819), do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860). Pretendemos investigar, a partir da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), os aspectos filosófico-pessimistas presentes com base, além da obra já citada de Arthur Schopenhauer, o livro *Metafísica do Amor/Metafísica da Morte* (2000) e *As dores do mundo* (2014) que surgiu a partir de algumas teses específicas do *Mundo como vontade e representação*.

Ao longo da história da filosofia, os filósofos buscaram pensar teorias que pudessem dar algum tipo de explicação e sentido a respeito de questões pertinentes para a humanidade. Com Schopenhauer não foi diferente, ele buscou com suas obras dar melhores explicações a respeito do amor, da arte e da morte, por exemplo; e foi através de seu modelo de pensamento que o filósofo ficou conhecido como o filósofo do pessimismo. O pessimismo é um conceito que não é apenas visto na filosofia, ele também pode ser reconhecido no campo literário, como na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), em que se reconhece uma escrita machadiana mais pessimista, ligada a questões relacionadas à morte, pois se trata da narrativa de um homem morto que resolve voltar para contar aos vivos a sua história de vida, dedicando a obra aos vermes.

A possibilidade de pesquisar sobre um conceito que paira sobre obras de autores tão distintos e distantes geograficamente, e de olhar o texto literário num viés filosófico, foi um dos principais motivos para realizar esta pesquisa. Nossa hipótese é que, nesta obra de Machado de Assis, observa-se uma possível influência do pensamento pessimista de Schopenhauer, dado o fato de que Machado era um autodidata, sendo possível ele ter tido acesso às obras de Schopenhauer. É importante esclarecer que esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico e exploratório.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, são eles: o primeiro, intitulado O pessimismo de Schopenhauer, no qual nos dedicaremos a reconstruir alguns passos da vida do filósofo, e principalmente da sua filosofia da vontade. No segundo capítulo, O realismo na

literatura de Machado de Assis, abordaremos a vida e obra de escritor, trazendo aspectos importantes do movimento literário brasileiro, principalmente do romantismo e do realismo. O terceiro capítulo, A relação do pessimismo na filosofia e na literatura, tratará da análise do *corpus* machadiano, no qual pretendemos analisar partes da obra machadiana a luz da filosofia de Schopenhauer.

2 O PESSIMISMO DE SCHOPENHAUER

Arthur Schopenhauer nasceu no ano de 1788 em Dantzig na Alemanha e morreu em Frankfurt no ano de 1860. Possuidor de uma personalidade contemplativa e melancólica, dizia preferir a sua própria companhia ou a de animais do que demais homens, afirmando que “amava muito os animais na mesma intensidade com a qual odiava aos homens” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 18). Esses seus traços de personalidade podem ter sido o resultado de seus estudos que enquanto jovem pode realizar, e que talvez tenha influenciado a sua forma de ver o mundo.

Vivia uma vida abastada, com muitas viagens e oportunidades de estudar em muitos lugares, e após a morte do pai, teve a chance de se dedicar ao que realmente gostava, a filosofia. Por esse motivo, “com predileção, cedo estudou Platão e Kant [...]. A todos os pensadores, preferia esses dois, tão afastados no espaço e no tempo” (MANN, 1938, p. 6), neste período teve a oportunidade de conhecer a filosofia hindu, que também veio a influenciar na construção de seu pensamento excessivamente pessimista. Os dois filósofos, junto com a filosofia hindu, foram de extrema importância para a construção de seu pensamento, e “temperamento tradicionalista” em relação à filosofia. Ao inspirar-se neles, inclusive nos conceitos, Schopenhauer transformou-os completamente aos moldes de seu tempo e de sua natureza – “muito mais moderna, mais impetuosa e mais dolorosa” (MANN, 1938, p. 6).

Uma de suas principais obras é *O mundo como vontade e representação (1819)*, e é sobre alguns pontos específicos desta obra que aprofundaremos neste trabalho, especificamente no livro quatro, chamado: “O mundo como vontade. Segundo ponto de vista” (2001, p. 283). Nesta última parte de sua obra, Schopenhauer dedica-se a tentar explicar o que ele chama de o “problema da vida humana” (2001, p. 286). A concepção de homem na sua teoria está atrelada ao conceito de vontade, este conceito pode ser entendido aproximadamente como a coisa-em-si do mundo (fenômeno), ou a “ideia” de Platão¹. O que o filósofo fez foi repensar e se inspirar por muito tempo até transformar estes conceitos de acordo com suas concepções. É nesta extensa obra que se encontram as diversas abordagens em que o autor traz concepções sobre o amor, a arte e, tema ao qual se dedicará mais tempo, a morte e o pessimismo, o problema da vida humana.

No livro *As dores do mundo* Schopenhauer (2014, p. 25) definiu a dor como algo positivo, e o bem-estar, negativo. Para ele a dor é positiva porque é ela que “faz sentir”, já o

¹ Para Platão a verdadeira realidade é composta por ideias abstratas, mas que possuem uma substância. Essas ideias são as únicas capazes de oferecer o verdadeiro conhecimento.

bem-estar, a felicidade “não faz senão cumprir um desejo e terminar um desgosto”, portanto, negativo. Para o filósofo, sentimentos assim são dignos de lástima, limita o sujeito de ver e perceber o mundo da forma como ele é: desencantado, não romantizado, sem propósitos e carregados de ideais que permeiam as relações dos seres que vivem. Quando Schopenhauer expõe seu pensamento a respeito da vida, morte e das relações humanas, não pretendeu dizer como a realidade deveria ser, se limitou a falar da realidade da maneira como ele via acontecendo. Esta realidade nada mais era do que um mundo representado de acordo com que cada espírito percebe, “o universo inteiro é apenas objeto em relação a um sujeito [...] é pura representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9). É com este modelo de pensamento e com base na doutrina da vontade que Schopenhauer apresenta sua concepção de homem. E, neste sentido, antecipa o niilismo nietzschiano e outros pensadores pós-metafísicos da contemporaneidade que se opõem às justificações metafísicas da existência.

No texto *O Amor*, Schopenhauer (2014) exemplifica as relações conjugais humanas para problematizar que a principal finalidade é a procriação, ou “vontade de espécie”. Ele não vê essas relações num modelo romantizado - duas almas apaixonadas que estão destinadas uma para a outra - ele interpreta essas relações num viés biológico. Segundo o filósofo, a paixão amorosa tem em si uma vontade individual, e o maior poder dessa vontade é a vontade de espécie. Até no amor, um sentimento tão romantizado, inspiração para tantas manifestações artísticas, é possível percebê-lo agindo conforme as artimanhas da vontade.

Assim como essa “vontade de espécie” pertence a vida, a morte também pertence - é assunto exclusivos dos vivos. Ainda que o ser humano satisfaça a vontade, procurando de todas as formas se manter vivo, estará sempre fadado à morte – e tem consciência disso - assim pode ser entendido o trágico da existência. A morte é a musa da filosofia, afirma Schopenhauer (2000, p. 59). Sócrates já introduzira essa ideia no *Fédon* de Platão: que filosofar é se preparar para a morte. Partindo disso pode-se entender que o tema da morte sempre foi bem atraente aos olhos de certos filósofos, e Schopenhauer (2014, p. 83) a considerava essencial para o pensamento filosófico: “sem ela, dificilmente ter-se-ia filosofado”.

2.1 O conceito de vontade à luz do problema da morte

É inspirado no modelo transcendental kantiano² que Schopenhauer passa a considerar o mundo sob dois aspectos, o fenomênico e a coisa-em-si. Quando se fala em mundo enquanto

² Dos escritos kantianos, o que Schopenhauer mais considerou foi a “Estética Transcendental” da Crítica da Razão Pura, trabalhando a distinção entre fenômeno e “coisa-em-si”.

fenômeno tem-se que pensar “o mundo como objeto para o sujeito cognoscente humano” (BRUM, 1998, p. 22). O fenômeno está submetido ao princípio da razão suficiente³, e o que está unido a ele é, por um lado, objeto de um conhecimento para o sujeito e por outro, consequência desse conhecimento. Neste último caso, o fenômeno não pode ser diferente do que é, pois todos os fenômenos da natureza estão submetidos a uma necessidade absoluta.

O princípio da razão suficiente é universal, uma lei sem exceção e o mundo enquanto fenômeno é visto como um objeto do sujeito que vive nele, coordenado e manipulado pelas razões que os princípios de espaço, tempo e causalidade oferecem – muitas vezes sem um sentido claro. No entanto, esse mesmo mundo também é uma coisa-em-si, que se escapa do princípio da razão suficiente. O mundo da coisa-em-si, que é independente dessa representação e que não é regido pelo princípio da causalidade, é um mundo enquanto vontade, uma vontade “sem razão” que é forte e enérgica – sem propósitos claros - está por trás de tudo que existe e não pode ser diretamente experienciada. Para Schopenhauer, é na vontade que está a origem de toda a tragédia da condição humana, pois enquanto indivíduo natural, está fadado a obedecer aos desejos da vontade. Para ele a vontade então “seria a causa primeira e irreduzível do ser, sua base mais profunda, fonte de todos os fenômenos, a potência presente e operante em cada um deles, a criadora de todo o mundo visível e de toda a vida, porque seria o querer-viver” (MANN, 1938, p.6).

No § 54 do *Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer (2001, p. 288) fala sobre o “espelho da vontade”, segundo ele “o mundo, enquanto objeto representado, oferece à vontade o espelho em que ela toma consciência de si mesma”. O que vemos no mundo é a própria representação da vontade, ele está para servi-la e se adequar a suas necessidades, tudo que vive é impelido a sua vontade, e o ser do homem é dotado da racionalidade que torna possível tomar consciência disso. A vontade enquanto coisa-em-si é o que permeia a existência humana, está por detrás das ações/decisões humanas, e segundo Schopenhauer (2001, p. 289) “o que a vontade quer é sempre vida”, tudo que vive obedece à vontade e toda vontade obedece aquilo que mantém vivo, isto é, “uma pura manifestação dessa vontade, nas condições convenientes para ser representada, assim é cometer um pleonasma dizer a “vontade de viver” e não simplesmente “vontade”, visto que é a mesma coisa”.

³ Tese defendida em 1813, “Sobre a quádrupla raiz do princípio da razão suficiente”, para Schopenhauer o princípio da razão suficiente é uma lei formal de tudo que é objeto. Ela divide-se em quatro formações: o princípio da razão do devir, razão do conhecimento, razão do ser e razão de agir. A vontade é livre de todo esse princípio. (BRUM, 1988, p. 21).

Sendo assim, podemos compreender que a vida, “mundo visível, o fenômeno, é apenas o espelho da vontade” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 289), e ao mostrar-se através de um mundo sensível, ela causa reações, como a consciência da finitude dos desejos, tanto que se está sempre a buscar novos estímulos que sejam capazes de promover novos sentimentos. A vontade de viver é forte e intensa, com o poder de nos animar a ter desejo pela vida, pelo querer viver, e, segundo o filósofo (2011, p. 289), enquanto formos dominados por essa vontade insaciável, “esfomeada”, que não tem grandes propósitos e nem um fim em si, não dedicaremos tempo para pensar sobre a existência, ela não nos inquietará, e, se não inquieta enquanto vida, jamais vai inquietar na hora da morte. E é justamente na falta de propósitos, nesses desejos que a vontade de viver impõe, que culmina o seu pessimismo filosófico.

Considerar a vida filosoficamente e vê-la na sua ideia primária, a vontade, o fenômeno ou o sujeito que pode conhecer, nada tem a ver com a questão do nascimento e da morte. Esses dois tem uma relação de aparências em que a vontade faz o serviço de revesti-los em relação a vida, “a própria essência da vontade é produzir-se nos indivíduos, que, sendo fenômenos passageiros, submetidos na sua forma à lei do tempo, nascem e morrem” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 289). O nascimento e morte pertencem igualmente a vida, havendo assim, uma relação de equilíbrio entre um e outro, cabendo a vida a função de tomá-los como conjunto.

Após refletir sobre como se dá o processo da existência na mitologia budista e romana, o filósofo alemão constatou que há uma necessidade muito grande de desviar o sujeito da morte, tentando fazê-lo se concentrar apenas na questão da vida e da imortalidade da natureza. Isso nos faz perceber que o que os homens entendiam é que:

[...] a natureza inteira era a manifestação da vontade de viver e sua efetivação. Esta manifestação tem como forma o tempo, espaço e causalidade, depois, e por consequência, a individuação, de onde provém para o indivíduo a necessidade de nascer e morrer, sem que, aliás, esta necessidade atinja em nada a própria vontade de viver (SCHOPENHAUER, 2001, p. 290).

E o que se pode constatar nessa questão de nascimento e morte, é que o indivíduo é apenas mais uma manifestação, mais um exemplar e que nada acarreta o fato de ele morrer. Pois, o que está implicado aqui é a espécie, sendo que é ela que interessa à natureza, a natureza se preocupa apenas a conservação e solicitude da espécie, o fato de a morte existir não é um problema, “a natureza no seu conjunto não fica mais doente” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 290). E quanto aos indivíduos, o mesmo acontece, a natureza não hesita em deixá-los desaparecer.

2.2 Uma visão pessimista da existência

Schopenhauer observou que na natureza há uma luta constante por sobrevivência, e a chamou de guerra perpétua pela existência, uma guerra que faz sustentar a vida, e que ao percebê-la, compreendemos ‘a vontade que se divorcia dela mesma’ (SCHOPENHAUER apud BRUM, 1998, p. 26). Essa imagem de combate é fundamental para a visão pessimista da existência schopenhaueriana. O caráter pessimista da existência se dá a medida em que cada ser vivo necessita que outra vida se sacrifique em prol da sua, uma vida pela outra. Este ato de sobrevivência promove o caráter angustiante da vontade e é o que demonstra, para o filósofo, o quão nocivo o ato de viver pode ser, mas, dentro desse existir nocivo da natureza, o mais danoso é o viver humano (social e moral), uma guerra constante de todos contra todos e que é, por diversas vezes, sem grandes propósitos, ou nenhum.

Tudo o que procuramos colher, resiste-nos; tudo tem uma vontade hostil que é preciso vencer. Na vida dos povos, a história só nos aponta guerras e sedições: os anos de paz não passam de curtos intervalos de entreatos, uma vez por acaso. E, da mesma maneira, a vida do homem é um combate perpétuo, não só contra os males abstratos, a miséria ou o aborrecimento, mas também contra outros homens. Em toda parte, encontra-se um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão (SCHOPENHAUER, 2014, p. 26).

Argumentações assim nos levam a constatar que os homens vivem em uma relação de conflitos, e é justamente essa luta selvagem e “sem razão” da vontade, que Schopenhauer realmente não gostaria que existisse, visto que traz a perspectiva do nada, a ausência de qualquer finalidade ou sentido para a existência. Essa conclusão à qual o autor chegou o conduziu ao pensamento de que “é a pesada culpa do mundo que causa os grandes e inúmeros sofrimentos a que somos votados” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 29).

Quando Schopenhauer (2000, p. 59) em sua *Metafísica da morte*, compara a existência de um animal a de um ser humano, ele traz a concepção de que para o animal é ausente a capacidade de conhecer verdadeiramente a morte, ele só se conhece como infinito. Enquanto o ser humano, por conta da sua racionalidade e, conseqüentemente, de sua capacidade de conhecer, tem a certeza de sua finitude, de que em um determinado momento irá desaparecer, e essa certeza da morte é algo assustador. Para acalmar esse pavor que a morte pode causar, surgem as religiões e a filosofia, que apresentam uma espécie de “antídoto da certeza da morte”. Ambas capacitarão o ser humano a ter uma visão mais tranquila em face da morte.

Schopenhauer diz que no oriente (Índia) é possível encontrar uma confiança na morte e, ao mesmo tempo, um desprezo por ela, enquanto que na Europa, nada disso é sabido e que,

talvez, seja um assunto um tanto delicado para alguns, mas que é de grande importância, pois torna sempre ao que é mais difícil de admitir, porém mais correto e seguro, conforme a citação:

[...] ensinar-lhes que só há pouco veio do nada, conseqüentemente nada tenha sido durante uma eternidade, e, não obstante, devendo ser, no futuro, imortal, é exatamente como ensinar-lhe que, embora seja por completo a obra de um outro, deva ser, todavia, responsável por toda a eternidade pelas próprias ações e omissões (SCHOPENHAUER, 2000, p. 60).

Para o ser humano a morte significa algo, ou melhor, o ser humano, por ser o único ser que sabe que chegará ao fim, significa a morte e a partir dela constrói sua existência. Seja ela uma tentativa inútil de autopreservação – já que todo esforço, no final, se mostra vão – que só ganha materialidade através da preservação da espécie pela prole. Nesse sentido é que entendemos que morte e vida estabelecem entre si um jogo de mútua dependência. À medida que a morte termina com a vida e ao mesmo tempo confere a possibilidade de uma justificação racional é que uma vida condenada à morte pode passar a ter algum tipo de valor. E, se podemos ousar fazer referência ao estilo machadiano, que fique o hiato entre a primeira e a segunda parte deste trabalho, a cada leitor, as provocações que a certeza da morte pode lhe oferecer.

3 O REALISMO E A SUPERAÇÃO DO ROMANTISMO

Assim como a tradição filosófica produziu para si pensadores e escritores que hoje classificamos como idealistas, românticos, realistas, pessimistas, etc., na tradição literária vemos um movimento, se não semelhante, ao menos motivado pela mesma cultura que ajudou a transformar. Na literatura brasileira não é diferente. A superação do romantismo na literatura brasileira vê em Machado de Assis uma figura protagonista dentro desse cenário de mudanças, por diversos fatores. Um deles, de acordo com Candido (1999), é o fato de Machado talvez ser o primeiro escritor a ter uma noção exata do processo literário brasileiro. Neste mesmo período a crítica literária também foi se desenvolvendo através de obras de outros escritores.

Machado de Assis, durante sua carreira como escritor, foi transformando sua escrita, e muito embora sua obra “satisfaça tantos os requintados quanto os mais simples” (CANDIDO, 1999, p. 53), ele que pode ser considerado romântico passará a superar a si próprio, quando começou a produzir obras que demonstraram uma maior relação com o movimento realista. A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, junto de outras obras suas e também escritos de outros autores fazem parte deste limiar entre romantismo e realismo.

O período romântico no Brasil se inicia com a Independência Política, em 1822, quando os ares estavam se renovando após um longo período de Brasil Colônia marcado pelo movimento do arcadismo, barroco e a literatura informativa, retroativamente. Estes movimentos eram vinculados aos moldes portugueses, já que não havia um sistema literário no Brasil. Neste período inicial, os escritos informativos ou poemas falam sobre as belezas da natureza do litoral brasileiro, sobre os índios e tudo o que vivia aqui, com a intenção de compreender e também de ter domínio e impor suas crenças e políticas. Podemos destacar os escritos que os padres jesuítas faziam como um dos principais informativos desse tempo, os padres tiveram uma função protagonista de catequização e instrução da língua portuguesa para os indígenas – “trata-se de um verdadeiro processo de dominação linguística, aspecto da dominação política, no qual a literatura culta, repito, desempenhou papel importante” (CANDIDO, 1999, p. 19). Esse processo de cultura senhoril e servil durou um bom tempo, até começar a surgir novos movimentos.

Até que começasse o movimento do romantismo, muitas coisas aconteceram no processo de colonização do Brasil, mas não nos deteremos aqui a isso, partiremos para o nosso foco inicial que é o movimento romântico nas terras brasileiras. Após a corte portuguesa assentar-se no Rio de Janeiro, muitas academias e centros culturais e científicos foram sendo

construídos e ganhando espaço na sociedade, e por volta de 1840, de acordo com Candido (1999, p. 40) “apareceu o romance, gênero que teve grande êxito e demonstrou excepcional vitalidade”. É com o romantismo que passa a existir no Brasil uma literatura com uma linguagem mais própria e nacionalista, pois até então os escritos literários eram voltados para o colonialismo e sob o olhar dos portugueses, conforme já mencionado.

De fato, tornando-se sede da Monarquia o Brasil não apenas teve a sua unidade garantida, mas começou a viver um processo de independência virtual, tornada efetiva em 1822 depois que o soberano voltou a Lisboa por exigência dos seus súditos portugueses (CANDIDO, 2002, p. 10).

Nesta nova fase as referências de escrita não vinham apenas de Portugal, mas sim de outros países, como Alemanha e França. Os escritos são marcados por sentimentalismo e idealização, características que puderam ser vistas tanto no teatro como também nas narrativas, mas é a poesia o palco principal destes pensamentos. Porém, não foi só de sentimentalismos que viveu o romantismo brasileiro, de acordo com Candido (1999, p. 43) “além dessa poesia sentimental, o Romantismo brasileiro conheceu a humorística e irônica, a satânica e a social, formando uma gama bastante extensa que aumentou a possibilidade de penetração junto a públicos amplos.” Pertence aos poetas mais jovens, como Casimiro de Abreu (1839-1860) e Junqueira Freire (1832-1855), esse caráter mais “sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico” (CANDIDO, 1999, p. 44).

Ao longo dos anos, a escrita romântica brasileira foi se transformando.

No decênio de 1870 o quadro cultural do Brasil era bem diverso do que fora na primeira metade do século, em seguida ao desenvolvimento econômico e ao progresso material dos anos de 1850 e 1860, prejudicados em parte pela sangrenta guerra contra o Paraguai (1865-1870), que abalou a sociedade tradicional e abriu caminho para grandes transformações (CANDIDO, 1999, p. 48).

Um Rio de Janeiro com ares mais modernos começava a surgir. Com melhores recursos de acesso ao conhecimento, ampliação da imprensa e maior preocupação em entender a crítica, a filosofia e a ciência. Recursos assim foram de grande importância para os estudos literários da época, esse crescimento também serviu para que houvesse um maior amadurecimento no romantismo, no seu processo de escrita. Isso foi possível graças ao surgimento de romancistas e escritores, que movimentaram o pensamento dos leitores através de novas propostas de poemas e romances. Um dos fatores responsáveis por isso foi o movimento Abolicionista, cujo objetivo foi por fim alcançado em 1888.

Esse período após a abolição da escravidão e de maior movimento popular inspirou escritos em que os negros, escravos e índios passaram a ter certo protagonismo. Além dessa radicalidade nos escritos, com o passar dos tempos, outras manifestações foram surgindo, como

o “movimento das novas ideias filosóficas e literárias que começou mais ou menos em 1870 e se estendeu até o começo do século XX” (CANDIDO, 1999, p. 51). Neste período também se desenvolveu um expressivo pensamento crítico, marcado pelo Positivismo de Augusto Comte e também pelo Evolucionismo em que a filosofia de Herbert Spencer tiveram maior influência. Pode-se dizer que foi um momento em que diversas áreas do conhecimento foram ganhando força e espaço nas principais cidades do Brasil:

Foi de fato uma transformação cheia de modernidade, que pôs em cheque o idealismo romântico e as explicações religiosas, questionando a legitimidade das oligarquias, propondo explicações científicas e interpretações de cunho relativista e comparativo, inclusive pela transformação profunda dos estudos de Direito, que formavam o centro da cultura acadêmica (CANDIDO, 1999, p. 51).

Esse movimento de transformação serviu para configurar um amadurecimento no sistema literário brasileiro que aos poucos foi se demonstrando mais rebelde em seus ideais, mas valorizando a cultura local, porém, menos romântico. Esse amadurecimento é marcado pelo surgimento da obra de Machado de Assis (1839-1908), carregada de críticas e reflexões de extrema profundidade, mas escrita de forma cuidadosa, pois, diferente de muitos escritores, Machado era um sujeito tímido e de escrita metódica, que não tinha grandes intenções de ter embates com seus leitores.

É com as obras de Machado de Assis, considerado o principal sinal de amadurecimento literário deste período, que vai surgindo com maior força o movimento realista. É importante ressaltar que esse movimento foi interpretado de diversas formas, e usaremos aqui a interpretação de o realismo ser um movimento antirromântico, que faz parte do sistema literário do romantismo. De acordo com Candido (1988) em sua palestra sobre o *Brasil do século XXI*: “Todas as práticas e movimentos que se denominam antirromânticos, são, eles próprios, românticos, obviamente. O realismo, naturalismo, pós-romantismo, simbolismo, as vanguardas. Tudo isso é antirromântico”.

Esse movimento realista foi fundamental para o amadurecimento de diversos escritores, no caso de Machado de Assis, ele foi um dos principais nomes desse movimento por ter tido um “afastamento das modas literárias, que lhe permitiu grande liberdade no tratamento da matéria” (CANDIDO, 1999, p. 54). A sua linguagem simples, carregada de sentido e escrita de “forma livre” é um grande destaque de suas obras, que muitas vezes se torna difícil fazer uma interpretação nítida, mas que é possível perceber certo desencanto, desapaixonamento e “rabugens de pessimismo”:

Há nele um elemento fugidio, que provoca perplexidade e é uma das suas forças. Ele parece, por exemplo, contemplar com cepticismo a vida do seu tempo, e de fato assim

é. No entanto, nos refulhos da frase, no subentendido das cenas, no esforço aparentemente casual da descrição, está escondido o interesse lúcido pela realidade social e o sentimento das suas contradições (CANDIDO, 1999, p. 54).

Essas características nos reportam ao fato de Machado ter sido um escritor que ao longo de sua jornada realizou diversas leituras de filosofia, entre elas a de Schopenhauer que veio a se impregnar profundamente em seu pensamento, justificando a maneira através da qual o “humorismo machadiano denuncia suas afinidades com a metafísica desiludida de Schopenhauer” (MERQUIOR, 2011, p. 14). Não foi em toda a sua caminhada como escritor que Machado assumiu com clareza essa postura realista/pessimista. Há uma trilogia: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), que destacam essa mudança de postura diante de seus pensamentos e escrita e que funcionou como um marco para essa nova fase do sistema romântico, o realismo.

O movimento realista funcionou como uma espécie de superação de tudo que até então o romantismo valorizava, que é a idealização de algo perfeito e inalcançável. O realismo comportou-se como um sujeito rebelde diante de normas e padrões que idealizam o ser perfeito, o realismo enxergou a sua realidade com clareza e não a negou. De modo semelhante também aconteceu com o pessimismo na filosofia, Schopenhauer inspirou seu modelo de pensamento nesta vertente para expor uma nova concepção de homem que está ligada a doutrina da vontade.

Machado de Assis compartilha certas semelhanças com Schopenhauer ao abordar em sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma linguagem mais pessimista e realista quando cria um defunto autor, que retorna do mundo dos mortos para contar sua história de vida, uma vida inclusive dominada por uma intensa vontade de viver. Com essa escrita carregada de profundidade, ousadia e pessimismo, Machado revoluciona a literatura até então acostumada aos cânones tradicionais, fazendo de *Memórias Póstumas* uma obra paradigmática para o sistema romântico da época. É neste sentido que julgamos válido saber um pouco mais sobre quem está por trás dessa obra tão importante.

3.1 Quem foi Machado de Assis para a literatura brasileira?

José Maria Machado de Assis (1839-1908), foi um dos maiores escritores da sua época, suas produções literárias tiveram, e têm, grande importância para a literatura brasileira. Era filho de Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis e foi criado no Morro do Livramento - RJ. Desde cedo, manteve um contato muito próximo com as letras, embora não tenha tido acesso ao ensino regular. Sua mãe faleceu quando ele tinha 10 anos, mas há

pesquisas que indicam que é muito provável que sua mãe o tenha ensinado a escrever, “que foi sua primeira e carinhosa mestra” (FONSECA, 1961, p. 23). Não se sabe muita coisa sobre a sua infância, mas sabe-se que diante das suas dificuldades estudou como pode.

Ao longo de sua trajetória, Machado sempre trabalhou bastante, e é possível que tenha exercido profissões como caixeiro de livraria, tipógrafo e revisor antes de ser jornalista e cronista. Esses trabalhos mantiveram-se sempre na rua do Ouvidor, lugar frequentado pela Corte, objeto de interesse de Machado. A sua trajetória não foi tão fácil dado o contexto social em que estava inserido, pois havia um pensamento de superioridade racial dos brancos perante os negros, índios e mestiços, e Machado era negro, porém, de acordo com Candido (1977, p. 15) a cor parece não ter sido motivo de desprestígio⁴, causando possíveis contratempos num momento brevemente superado, quando casou-se com uma senhora portuguesa: Carolina Novaes. Além de um bom casamento, Machado manteve amizades importantes com pessoas, como os filhos do Conselheiro Nabuco, Sizenando e Joaquim, que foram estrategicamente importantes para a sua ascensão intelectual.

Em 06 de janeiro de 1855, oportunidades de crescimento foram surgindo para Machado a partir da publicação do poema “A palmeira” no jornal Marmota Fluminense. E desde essa primeira publicação, as portas de um universo mais intelectual, aos poucos, começaram a se abrir para Machado de Assis. Com o passar do tempo, Machado se torna mais conhecido pelos meios literários da corte. Seus escritos ganhavam cada vez mais forma, suas crônicas, não perderam atualidade. Isso se deve ao fato de ele conseguir “extrair reflexões profundas de fatos corriqueiros, tocando essência daquilo que observava” (FARACO, 2011, p. 204). Era alguém que tinha sensibilidade e olhos atentos para perceber e pensar o mundo e a cotidianidade a sua volta, e isso lhe proporcionou uma forma peculiar de falar sobre fatos que muitos julgariam comuns, mas que para ele eram uma ótima oportunidade de reflexão. O resultado de todo seu trabalho resultou numa admiração muito grande da sua figura, pois já “aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de reverência e admiração geral” (CANDIDO, 1977, p. 16). Ainda antes dos sessenta anos, foi escolhido para ser o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, posto que ocupou até morrer.

Candido (1977) trouxe questões importantes sobre o fato de os escritos de Machado manterem um alto nível de acesso, principalmente em territórios internacionais, após sua morte. Essa capacidade de sua obra “se adaptar ao espírito do tempo” é resultado da sua escrita

⁴ Caso considerável curioso, pois num país calcado na escravidão, como um homem negro como Machado não teria sofrido racismo? Até não muito tempo, havia um branqueamento nas representações de sua imagem.

poderosa. Através dela, Machado conseguiu proporcionar experiências de leitura enriquecedoras e provocativas para aqueles que são capazes de fazer uma análise cuidadosa e pensar as suas críticas.

[...] recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas. A sua totalidade vem de encanto quase intemporal do seu estilo e desse universo oculto que sugere abismos prezados pela literatura do século XX (CANDIDO, 1977, p. 18).

Machado de Assis constrói, ao longo de sua vida, uma literatura que de tempos em tempos desperta interesses e inquietações adversas que vão construindo e contribuindo em diferentes interpretações de seus escritos. Através destas interpretações e análises, foi sendo atribuído às suas obras diversas características, como a “ironia fina, estilo refinado, evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente” (CANDIDO, 1977, p. 18). Ele era sutil no que dizia, “timbrava nos subentendidos”, e já no fim da sua vida era possível observar em suas histórias uma prosa mais pessimista e desencantada, “uma filosofia bastante ácida para dar impressão de ousadia, mas expressa de um modo elegante e comedido” (CANDIDO, 1977, p. 19).

Os literatos consideram duas fases na obra machadiana: fase romântica, com as obras: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878); e a fase realista: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908) (FARACO, 2011, p. 214). É na segunda fase machadiana que se encontra os escritos mais autênticos da pessoa de Machado, há elementos mais exclusivos de suas análises e percepções do mundo a sua volta. De acordo com Faraco (2011, p. 214-15), há um amadurecimento gradual, lento, progressivo, apesar de o primeiro romance da segunda fase ser revolucionário, não só em relação aos anteriores, mas também em relação a toda a história da literatura brasileira. Neste sentido que Machado vai traçando um caminho mais pleno de estilo, e embora tenha vivido e escrito em duas fases da literatura brasileira, conseguiu assimilar elementos importantes das duas, e não abandonando por completo características do romantismo quando adentrou para o período realista.

A escrita do período realista em Machado de Assis “chama atenção para a face negativa do homem e da vida, [...] jogando para escanteio a bondade e a grandeza” (FARACO, 2011, p. 216). É partindo de acontecimentos corriqueiros que o escritor desenvolve seus personagens com a moralidade corrompida. Ele busca, nessa nova fase de escritos, “compreender os

mecanismos que comandam as ações humanas, sejam elas de natureza espiritual ou decorrentes das ações que o meio social exerce sobre cada indivíduo” (FARACO, 2011, p. 216). Em seu primeiro romance dessa nova fase de escritos, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), os acontecimentos se dão sempre de forma corriqueira e banal, os personagens não são sujeitos de caráter invejável, muito pelo contrário, muitas vezes são mesquinhos, rancorosos, agem por impulsos com a intenção de suprir seus desejos. O próprio Brás Cubas, personagem principal, é um homem que sempre foi obediente a suas vontades. Morte, sensualidade, adultério, egoísmo e vaidade são questões abordadas em sua trama, que será tratada mais detalhadamente no capítulo seguinte.

4 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ANÁLISE DO LIVRO

Memórias Póstumas de Brás Cubas, é uma história contada por um “defunto autor” e escrita “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”. São memórias trabalhadas e refletidas no mundo dos mortos, dedicada aos vermes, e que, aparentemente, não tem grandes pretensões a não ser contá-la para o mundo dos que vivem. Já de início, pode ser percebido que quando o “defunto autor” ressalta que “a obra em si mesma é tudo”, já há características que marcam todo o transcorrer da história, como a ironia e melancolia. Antes de dar início ao relato do livro, ressalta-se que junto ao relato de apenas os principais acontecimentos da história, faremos a análise de *corpus* da obra, a fim de encontrar passagens narrativas que confirmam as influências pessimistas de Schopenhauer.

Estas memórias iniciam com o fim, isto é, com a morte de Brás Cubas. Este, já no cap. I - *Óbito do autor* -, conta o exato momento da sua morte: “expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869” (ASSIS, 2011, p. 23). Foi aos 64 anos que Brás Cubas sucumbiu à vida. Velado numa tarde de chuva miúda, acompanhado de seus onze amigos: “E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias” (ASSIS, 2011, p. 24). Nesta primeira parte, o autor já causa um certo mistério ao falar de uma senhora “anônima” que estava presente no momento de sua morte, mas como não é possuído de muita pressa para narrar sua história, deixa o suspense no ar.

O momento de seu velório é um tanto delirante para Brás Cubas, em que se imagina em muitos lugares ao mesmo tempo e de diferentes formas. “A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvai-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma” (ASSIS, 2011, p. 24). O nada, em diversas partes da obra, a partir das reflexões das suas próprias vivências, o defunto autor retorna a esse vazio desprovido de sentido.

“Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor não creia, e, todavia, é verdade” (ASSIS, 2011, p. 24-25). O diálogo com o leitor é uma característica pertinente nesta obra, em diversos momentos o narrador se volta para o leitor questionando-o ou julgando-o, característica que deve ter causado certo estranhamento para os leitores da época: “Estamos diante de uma novidade: em vez de se esconder para dar a impressão de que narra um fato real, o autor se expõe, para deixar bem claro que o que escreve é ficção” (FARACO, 2011, p. 210). Esse diálogo se repete em diversos momentos, fazendo o leitor retornar a si, um exercício por

vezes sofrido. Ainda mais quando se pensa a literatura como um mecanismo de fuga da própria existência, mesmo que por instantes.

No capítulo II - *O emplasto* -, Brás Cubas diz ter culpa pela sua morte também a ideia que carregou consigo, e teve como origem “a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (ASSIS, 2011, p. 25). Uma ideia, a princípio revolucionária, mas como já estava morto, Brás Cubas confessa que na verdade sua intenção não era tanto pela salvação, mas também pelo “gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim, nas caixinhas de remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*” (ASSIS, 2011, p. 25). A vaidade é uma característica bem marcante deste personagem, e neste trecho isso pode ser percebido com mais clareza. Muito embora ele tenha tido boas intenções para com a humanidade, ver seu nome estampado era talvez até mais convidativo para que ele desejasse tanto concretizar essa ideia, que chegou ao ponto de tornar-se fixa.

Conforme dito anteriormente, Brás Cubas opta por não citar o nome da senhora que fora a seu velório a fim de causar um certo suspense, mas logo nos capítulos que se seguem ele acaba revelando seu nome: Virgília. Ela esteve presente em importantes fases de sua vida, inclusive no seu momento de enfermidade e também no seu velório. Foi em sua visita que o delírio de Brás Cubas começou (Cap. VII - *O delírio*). No seu delírio, Brás Cubas foi levado a origem dos séculos nas costas de um hipopótamo, lá viu importantes fatos históricos passarem por seus olhos numa incrível velocidade. Logo ele encontra com Pandora⁵, e pergunta a ela se ainda está vivo: “sim, verme, tu vives” (ASSIS, 2011, p. 33), porém, afirma estar ali para cobrar algo que lhe pertence, a vida. Brás Cubas então se desespera e suplica por mais tempo de vida, mas Pandora é firme em sua decisão, dizendo não precisar mais dele.

Pobre minuto! [...]. Para que queres mais um instante de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota? (ASSIS, 2011, p. 34).

Para Pandora o que importa é o minuto que vem, não o que passa, e “o minuto que vem é forte, juncado, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte” (ASSIS, 2011, p. 34). Neste momento ela retoma a lei da seleção natural, e diz a Brás Cubas para que olhe a “redução dos

⁵ Pandora é a primeira mulher, na mitologia grega. Dotada de todas as graças e talentos, foi presenteada por Zeus com uma caixa onde estavam guardados todos os males: a famosa *caixa de Pandora*. Após desposá-la, seu marido Epimeteu abriu a caixa e todos os males se espalharam pelo mundo, ficando no fundo a esperança (ASSIS, 2011, p. 33). No diálogo com Brás Cubas ela se apresenta como “mãe” e “inimiga”.

séculos”, e o que ele viu foi a “destruição recíproca dos seres e das coisas” (ASSIS, 2011, p. 34). Precisa-se morrer para manter a conservação da espécie, é neste sentido que Pandora remete ao que Schopenhauer fala sobre a natureza:

Assim ela (natureza) não hesita nada em deixar desaparecer o indivíduo; não são só os mil perigos da vida corrente, os acidentes mais ínfimos, que ameaçam a morte: está-lhe destinada desde a origem e a natureza para lá o conduz ela mesma, uma vez que ela serviu para a conservação da espécie (2001, p. 290).

Neste instante Brás Cubas pode ver “a cobiça que devora, a cólera que inflama, a inveja que baba, e a enxada e a pena, úmidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor” (ASSIS, 2011, p. 35). Um momento em que percebeu o sofrimento e a dor que a humanidade passa, essa dor “cedia alguma vez, mas cedia à indiferença, que era o sono sem sonho, ou o prazer que era uma dor bastarda” (ASSIS, 2011, p. 35). Brás Cubas não pode evitar dar um grito de angústia ao se deparar com tamanha calamidade, e por fim, acabou percebendo, ao acompanhar a passagem dos séculos, que tudo acaba em nada, então por que tanta luta contra a morte? Por que não a aceitar como parte de um processo natural?

No cap. IX - *Transição* -, o defunto autor volta para o início, em específico, o seu nascimento, dia 20 de outubro de 1805. Neste momento do livro em diante, Brás Cubas passa a narrar de maneira mais linear sua história de vida. Transitando por sua infância carregada de momentos de pura sandice, tanto que lhe chamavam de “menino diabo”, e confessa ter se afeiçoado a contemplação da “injustiça humana”. Cultivando certas características que, desde a infância, o foram tornando um jovem mimado, galanteador e sedento por viver. De forma precoce, Brás Cubas passou a relacionar-se com Marcela, que lhe tomou o primeiro beijo, quinze meses de amor, e onze contos de réis. Assim que o pai de Brás Cubas descobriu dos seus gastos com Marcela, imediatamente o enviou a Coimbra, para estudar, com a esperança que Brás Cubas se tornasse um homem sério.

Esse envolvimento de Brás Cubas com Marcela demonstra o quando ele é obediente aos seus desejos, fazendo lembrar a doutrina da vontade de Schopenhauer, onde diz que o homem é um fenômeno da vontade, um “objeto da coisa-em-si”. É um objeto pelo fato de estar sempre em condição de obediência a sua vontade, acabando por tornando-se maquinal, pois, sempre que necessita de algo, busca sanar imediatamente a fim de evitar a dor e o sofrimento. Essa obediência maquinal que Brás Cubas tem para com a vontade, é um elemento importante na filosofia de Schopenhauer, que descobriu “na experiência da vontade, vivida no corpo humano [...], a essência geral da vida inteira (BRUM, 1998, p. 23).

Essa condição maquinal de existir, de servidão a vontade, pressupõe uma vida pouco refletida. No entanto, esta condição de servidão não impede que o sujeito reconheça a

necessidade de preservar a vida. Esta necessidade está presente em todos os seres vivos, não se limitando só aos seres humanos, e não se limita apenas em alimentação e moradia, por exemplo, mas também se relaciona com nossos desejos, na busca por felicidade e prazer. O pensamento de Schopenhauer em relação à felicidade é que “toda felicidade não passa de quimera, só o sofrimento é real” (2014, p. 31). Para o filósofo a felicidade é algo que está ou no futuro ou no passado, sendo pouco provável de ser encontrada no presente, pois o presente está sempre permeado por alguma sombra e acaba direcionando os olhares para o futuro ou o passado, ou seja, a morte enquanto definição da não existência. Assim como o passado não existe mais, é só uma memória, o futuro ainda é só uma ilusão. O homem, ao ter consciência de que tem uma vida e de que existe, passa a buscar construir e conquistar no presente, coisas que lhe deem sentido no existir. Conforme fez Brás Cubas.

No cap. XIX - *A bordo* -, Brás Cubas passa dias a bordo de um navio para Coimbra. Nos primeiros dias ainda sofre muito por Marcela, tanto que em certa noite pensa em suicidar-se, mas acaba desistindo após uma conversa com o capitão, optando por ir dormir “que é o modo interino de morrer” (ASSIS, 2011, p. 57). No dia seguinte, acorda abaixo de uma tempestade, e então temeu a morte. “Eu que meditava ir ter com a morte, não ousei fitá-la quando ela veio ter comigo” (ASSIS, 2011, p. 57). O irônico entre o sono e a morte é que o sono não é temido, muito pelo contrário, é esperado ansiosamente ao longo de um dia cansativo.

A diferença, enquanto o sono dura, é absolutamente nula: ela apenas se nota quanto ao futuro, pela possibilidade do despertar. A morte é um sono em que a individualidade se esquece: todo o resto do ser terá o seu despertar, ou antes, ele não deixou de estar acordado (SCHOPENHAUER, 2001, p. 292).

O sono também é uma forma de fazer esquecer dos sofrimentos, ou pelo menos sanar por alguns instantes a dor de se estar existindo e ter de conviver com nossos pensamentos e sentimentos.

Na academia, cap. XX - *Bacharelo-me*, Brás Cubas não foi sujeito dedicado, era superficial e estava longe de tornar-se de fato um homem do Direito. Com o diploma em mãos, Brás Cubas optou por guardá-lo e ir viver, “prolongar a Universidade pela vida adiante...” (ASSIS, 2011, p. 59). Para Schopenhauer (2014, p. 34), “a vida do homem oscila, como um pêndulo, entre a dor e o tédio”, no meio disso encontra-se a busca por sobrevivência e por adiar o máximo que se puder a morte. Entende-se que é por esse viés, que o personagem Brás Cubas está sempre pondo seu espírito em atividade a fim de combater o tédio. Porém, acaba sempre sendo inevitável passar por algum tipo de sofrimento e dor, pois compreende-se que sentimentos assim fazem parte do curso da vida, e acabam por escancarar as dores e sofrimentos que estão presentes no mundo também.

Brás Cubas, passa um bom tempo viajando pela Europa e retorna imediatamente ao Brasil quando seu pai lhe manda uma carta dizendo que sua mãe estava muito doente. No cap. XXIII - *Triste, mas curto* -, Brás Cubas chega ao Rio de Janeiro a tempo de vê-la com vida, mas pouco tempo depois ela morre. Esta foi a primeira vez que Brás Cubas viu de perto a morte de uma pessoa amada,

Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo (ASSIS, 2011, p. 63).

No cap. XXIV - *Curto, mas alegre* -, o defunto autor fica a refletir sobre os problemas da vida e da morte, e os benefícios de se estar morto, de não depender mais do olhar do outro, de poder confessar sem temer o julgamento, de não haver amigos e nem inimigos, de não haver plateia: “Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade!” (ASSIS, 2011, p. 64). É na chácara da família na *Tijuca*, cap. XXV, que Brás Cubas decide passar um tempo, para sofrer o luto pela perda de sua mãe. Nunca a morte tinha chegado tão perto da sua existência, nunca ele havia se deparado tão próximo com o não-ser. Passados alguns dias sozinho, seu pai vai até a chácara e lhe propõe a possibilidade de um cargo como político e um casamento e pede que retorne para a cidade. O casamento seria com Virgília, a mulher misteriosa que vai a seu enterro. Brás Cubas se apaixona por ela facilmente, e passam a se encontrar todos os dias. Até que em certo momento ele perde Virgília para Lobo Neves, um político que a prometeu um título de marquesa. O fato de Brás Cubas não conseguir se casar com Virgília, causou um grande impacto para o seu pai, que o fez sucumbir pouco tempo depois. “Tinha de morrer, morreu” (ASSIS, 2011, p. 86).

No cap. L - *Virgília casada* -, Virgília e Lobo Neves voltam para o Rio de Janeiro, e se encontram algumas vezes em num baile que acontecia com bastante frequência, um mês depois se encontram novamente, e neste baile, Brás Cubas e Virgília valsaram durante a noite. Com essa aproximação de Brás Cubas com Lobo Neves e Virgília, ele logo passou a frequentar a casa de Virgília, e não demorou muito para começarem a se encontrar às escondidas numa casinha que passou a ser cuidada por Dona Plácida, senhora que há muito tempo trabalhou para a família de Virgília. No cap. LIX - *Um encontro* -, Brás Cubas encontra-se depois de muitos anos com seu amigo de infância, Quincas Borba, este não aparentava estar muito bem, pois disse estar vivendo na rua, dormindo nas escadas de São Francisco e alimentando-se muito pouco. A única boa nova é que estava trabalhando em sua filosofia da miséria. Brás Cubas estava apressado e impaciente para ouvi-lo, então deu-lhe um dinheiro e Quincas Borba emocionado forçou um abraço para agradecer, amplexo no qual furtou o relógio de Brás Cubas.

No cap. XC - *O velho colóquio de Adão e Caim* -, Brás Cubas fica sabendo da gravidez de Virgília, e ficou eufórico com a notícia, “meu filho!”. Ele gostava de conversar com o embrião, falavam coisas presentes e futuras, sonhava que ele seria bacharel e faria discursos na câmara dos deputados. Brás Cubas estava tão encantado com a ideia da paternidade, que por vezes esquecia-se de Virgília: “A verdade é que estava em diálogo com o embrião; era o velho colóquio de Adão e Caim, conversa sem palavras entre vida e a vida, o mistério e o mistério” (ASSIS, 2011, p. 137). Além da gravidez de Virgília, outros acontecimentos movimentaram os dias de Brás Cubas, dentre eles a carta que recebeu de seu amigo Quincas Borba (cap. XCI - *Uma carta extraordinária*), em que este lhe restituiu do relógio furtado, dizendo estar agora em uma vida com melhores condições: “Cedi meu degrau da escada de São Francisco; finalmente, almoço” (ASSIS, 2011, p. 138). E fala de seu novo sistema filosófico, o qual chamou de Humanitismo, trata-se de uma “receita moral [...], ratifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país” (ASSIS, 2011, p. 138). Nesta sua filosofia, Quincas Borba insistiu na afirmação de que a “dor é uma ilusão”.

No cap. XCIV - *A causa secreta* -, Brás Cubas fica sabendo da perda de seu filho, e após esse acontecimento, chega uma carta anônima para Lobo Neves, em que denunciava um possível caso entre Brás Cubas e Virgília. Virgília logo tratou de dizer a Lobo Neves que aquilo era absurdo, uma grande mentira. Mas passado esse acontecimento, a relação de Brás Cubas e Virgília foi se enfraquecendo, além disso, Brás Cubas não conseguia mais pensar em nada além de querer ter um filho com Virgília, foram tempos difíceis. E quando Brás Cubas esteve quase seguro de que a chama do romance com Virgília ainda estava acesa, recebeu a notícia de que Lobo Neves havia sido nomeado presidente de província, era o fim de seu romance.

Os primeiros dias após a partida de Virgília, Brás Cubas passava com sentimentos nostálgicos, carregados de “devaneio solto”, vez ou outra relia suas cartas antigas e ficava a rememorar momentos. Foi nesses tempos difíceis que Quincas Borba, tornou-se uma figura importante para Brás Cubas. No cap. CXVII- *O Humanitismo* -, Quincas Borba, em um de seus almoços com Brás Cubas, falou da sua filosofia, o Humanitismo. Tratava-se de uma filosofia, que se ligava ao Bramanismo, em que tinha como princípio único tudo o que existe.

Schopenhauer fala sobre as espécies passarem suas vidas para produzir e deixar algo para o mundo, para isso, ele cita o exemplo das plantas que passam a sua vida se metamorfoseando, passando por diversas fases, para que, finalmente, floresçam a produzam frutos, o objetivo final, é o que dará sentido para a existência destas plantas, mesmo que ela não tenham consciência disso. Isso não é diferente do que acontece com os seres humanos, passa-

se uma longa vida trabalhando e produzindo a fim de se deixar algo para o mundo, e esse algo pode ser desde a produção de um livro até um filho. Brás Cubas só pensava em ter um filho, e por isso não conseguia pensar no Humanitismo, embora estivesse muito interessado.

Para isso, na falta de Virgília, Brás Cubas passou a sair com a jovem Nhã-loló, pretendia casar-se e ter filhos com ela, mas não a amava. No entanto, essa fase teve um fim precoce: “Que há entre vida e morte? Uma curta ponte” (ASSIS, 2011, p. 168). É no cap. CXXVI - *Desconsolação* -, que Nhã-loló faleceu, foi na primeira epidemia da febre amarela, Brás Cubas não entendia a necessidade da epidemia, muito menos daquela morte. Mas Quincas Borba explicou-lhe que “epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosa para uma certa porção de indivíduos [...] havia uma vantagem de muito peso: a sobrevivência do maior número” (ASSIS, 2011, p. 169). Neste acontecimento, Brás Cubas percebeu que a morte era uma loteria, e nos anos que se seguiram, ele nunca foi premiado, quando viu, já tinha 50 anos.

No cap. CXXXVII - *A barretina* -, quando já tinha 50 anos, já estava “escorregando na ladeira fatal da melancolia” (ASSIS, 2011, p. 177), que Brás Cubas aceitou o conselho de Quincas Borba, que o fez sentir-se motivado a ser um homem do Estado. Porém esse sonho não durou muito tempo, logo veio a desistir da carreira política devido ao montante de críticas, cada vez mais Brás Cubas sentia-se mal por estar envelhecendo e não ter tido ou sido nada. A ocasião do cap. CXLI - *Os cães* -, aconteceu num passeio com Quincas Borba, em que Brás Cubas estava a fim de desabafar, mas acabaram passando por uma briga de cães. Brás Cubas ficou horrorizado, querendo ir embora, enquanto Quincas sorria e só continuou o passeio após a briga cessar e um dos cães ser vencido. Com esta briga, Quincas Borba passa a refletir sobre o ocorrido e lhe fala algo que fixa em seu pensamento:

“Sabe que morre” é uma expressão profunda; creio, todavia, que é mais profunda a minha expressão: sabe que tem fome. Porquanto, o fato da morte limita, por assim dizer, o entendimento humano; a consciência da extinção dura um breve instante e acaba para nunca mais, ao passo que a fome tem a vantagem de voltar, de prolongar o estado consciente” (ASSIS, 2011, p. 182-183).

Brás Cubas tem grande interesse e até uma certa crença na filosofia de Quincas Borba, então tem a ideia de criar um jornal a fim de publicar a filosofia do Humanitismo e de quebra realizar críticas ao governo. No cap. CL- *Rotação e translação* -, Brás Cubas lança o jornal, mas teve muita rejeição, e alguns meses depois, abandonou o projeto.

No dia em que o jornal amanheceu morto, respirei como um homem que vem de longo caminho. Do modo que se eu disser, que a vida humana nutre a si mesma outras vidas, mais ou menos efêmeras, como o corpo alimenta os seus parasitas, creio não dizer uma coisa inteiramente absurda (ASSIS, 2011, p. 189).

“O homem executa à roda do grande mistério um movimento de rotação e translação” (ASSIS, 2011, p. 189). E foi enquanto Brás Cubas terminava seu movimento de rotação, que Lobo Neves concluía o seu de translação, “morria com o pé na escada ministerial” e não foi muito impossível essa notícia ter lhe causado “alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer”. No cap. CLVII - *Fase brilhante*-, onde já havia passado um certo tempo da morte de Lobo Neves, chega na vida de Brás Cubas uma fase brilhante. Foi no momento em que a solidão mais estava lhe pesando que ele foi convidado para fazer parte de uma Ordem Terceira⁶, e com o incentivo de Quincas Borba, ele aceitou. Nessa Ordem Terceira ele diz ter cumprido alguns cargos, mas que não podia contar sobre suas caridades aos pobres e aos enfermos, muito menos as recompensas que recebeu, absolutamente nada poderia ser dito.

No cap. CLIX - *A semidemência* -, Brás Cubas passa a compreender que já estava velho, mas que Quincas Borba, além de velho, estava demente. Certo dia ele havia ido à casa de Brás Cubas e contou-lhe que a fim de aperfeiçoar o Humanitismo, havia queimado todo manuscrito e ia recomeçá-lo. Morreu algum tempo depois na casa de Brás Cubas, “jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão” (ASSIS, 2011, p. 195).

O cap. CLX - *Das negativas* -, conta que foi entre a morte de Quincas Borba e a de Brás Cubas que mediaram os acontecimentos na primeira parte do livro, foi neste período que Brás Cubas teve a ideia do *Emplasto Brás Cubas*, que lhe daria o “primeiro lugar entre os homens”, porém, acabou ficando apenas como uma ideia fixa. “Este último capítulo é todo de negativas”,

Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. [...]. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria (ASSIS, 2011, p. 196).

Colocando-se como defunto autor, Machado de Assis, teve a oportunidade de contar suas memórias para o mundo dos vivos, e através dessa narrativa foi possível perceber que em vista da morte é que somos capazes de analisar nossa vida, e tememos a morte ao perceber que iremos perder a vida, principalmente porque nada pode ser feito em relação a isso. Brás Cubas é um personagem que conseguiu provocar reflexões a respeito de suas vivências, nos remetendo a essas questões puramente existenciais quando vem do mundo dos mortos narrar sua história. Enquanto viveu, ele se deparou com a morte e sofria ao pensar que ela era certa. Sua reflexão

⁶ “Associação piedosa de fiéis, que segue as regras de alguma ordem religiosa sem, contudo, dela fazer parte, mantendo cada membro sua condição de leigo”. (ASSIS, 2011, p. 193)

a respeito da morte passou a ser mais recorrente após as perdas familiares, mas compreende-se que foi um pensamento que acompanhou sua vida de diferentes formas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho foi possível constatar que a literatura, por mais que tenha uma forma de abordagem e de escrita diferente da filosófica, também pode fazer refletir sobre problemas pertinentes no âmbito da filosofia. Deste modo, comprovou que é possível realizar uma pesquisa de caráter interdisciplinar entre duas áreas do conhecimento, onde ambas possam dialogar sobre seus problemas em comum.

A morte, o tema em comum abordado neste trabalho, perpassou a teoria de Schopenhauer, assim como a obra estudada de Machado de Assis. E, como foi visto nesta pesquisa, ambas trazem elementos que aproximam os pensadores.

No primeiro capítulo, deu-se ênfase na teoria de Schopenhauer, abordando os principais aspectos e refletindo seus conceitos centrais, principalmente a morte, que permeou a reflexão que se seguiu nos capítulos seguintes. A visão pessimista da existência surge a partir da relação de conflitos que os homens vivem e que, segundo o filósofo, não tem nenhuma razão plausível a não ser satisfazer à vontade. Essa busca incansável por satisfazer os desejos da vontade, para o autor, é um objeto de fuga, faz distrair-se da certeza da morte, algo assustador e que possui uma difícil aceitação.

Para o segundo capítulo, a abordagem deu-se no campo literário, falando em específico no movimento romântico e realista no Brasil e quem foi Machado de Assis para a literatura brasileira. O relato desses movimentos faz entender que a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, significou um limiar entre romantismo e realismo. Essa obra foi marcada por tratar a questão da morte de uma forma bastante peculiar, trazendo novas experiências literárias e provocando o pensamento dos leitores. Isso também mostrou o quanto Machado de Assis foi inovador em sua escrita, e o quanto ela foi importante para o movimento antirromântico do realismo no Brasil.

Por fim o último capítulo fez um relato das partes centrais da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que serviu de *corpus* para a análise embasada na filosofia de Schopenhauer. Essa análise, que tinha como propósito trazer os principais aspectos da obra machadiana para a filosofia de Schopenhauer, conseguiu cumprir com o propósito de comprovar a ligação de pensamento entre os dois pensadores. Há uma presença do pessimismo schopenhauriano na obra machadiana através da problemática da morte.

6 REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 30 ed. São Paulo: Ática, 2011.
- BRUM, T. J. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BOSI, Alfredo. Brás Cubas em três versões. **Teresa Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 6-7, p. 279-317, 8 dez. 2005.
- CANDIDO, A. **Brasil Século XXI: Cultura, Produção, Representação simbólica da Sociedade**. 1988. Palestra – Unicamp, São Paulo, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0M9A7Bzebc&t=1629s>. Acesso em: 27 abr. 2020
- _____, A. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo, 1977.
- _____, A. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas, 1999.
- FARACO, Carlos. Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora. In: ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 2011.
- FONSECA, Gondin da. **Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução biográfica**. 5. ed. São Paulo: Fulgor, 1961.
- MANN, Thomas. **Schopenhauer**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000062.pdf>. Acesso em: 01 julh. 2019
- SCHOPENHAUER, A. **As dores do mundo**. São Paulo: Edipro, 2014.
- _____, A. **Metafísica do Amor / Metafísica da Morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____, A. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.